



Editorial - Apresentação

Transversalidades filosóficas

O termo “transversalidade” está na moda e as recomendações filosóficas básicas nos aconselham sempre a manter distância dos modismos. Até hoje seguimos essa regra. O Termo, entretanto, foi inevitável para o título deste Dossiê que é publicado no dramático momento político pelo qual passa o Brasil: o ataque depredatório aos prédios da Praça dos Três Poderes de Brasília, no domingo passado, e a histórica posse do Presidente Lula, no domingo anterior.

A inspiração para o título deste Dossiê vem justamente das cerimônias de posse dos ministros, quando o termo “transversalidade” foi mencionado várias vezes, no contexto da formação dos ministérios compostos por negros, indígenas, mestiços, brancos e orientais, de diferentes identidades de gênero. Tal composição dos ministérios objetiva solucionar uma infinidade de problemas sociais, econômicos, ambientais e impedir o extermínio de diversas etnias indígenas que habitam essas terras há milênios.

A vertente da Filosofia que trata dos possíveis diálogos entre as diversidades de pensamentos do planeta, tais como o diálogo entre as filosofias ocidentais e orientais, entre as filosofias indígenas (sim, são filosofias, pois não aceitamos a eurocêntrica tese do caráter grego da filosofia) e as filosofias ocidentais, entre as filosofias indígenas e as filosofias orientais, foi, até hoje, denominada de várias formas: de filosofia intercultural; filosofia multicultural; filosofia intracultural; filosofia transcultural; filosofia comparada e outros mais. Com o avanço destas discussões, insere-se agora outro termo que adotamos como título do Dossiê: filosofia transversal.

O termo sugere uma recíproca interpenetração das filosofias e assume as transformações decorrentes destas interrelacionalidades como consequências naturais. Esse formato pressupõe, todavia, uma radical supressão de um centro permanente e assume a existência de micro-centros mutáveis, que, em última instância, se anulam enquanto pretensões de centralidades, como é didaticamente exemplificado no mito indiano da Rede de Indra.

O Dossiê é formado por textos que se situam no âmbito das transversalidades, tendo a filosofia japonesa como centro provisório a ser suprimido. Ele aponta a fugaz centralidade de Kitaro Nishida em alguns textos e em outros, a centralidade momentânea é atribuída à filosofia chinesa. Todos eles, todavia, se inserem em dinâmicas transversais que visam a supressão das centralidades ao se abrirem para outras possibilidades de diálogos e outras interrelacionalidades.

Cada texto mantém sua particularidade temática, mas todos se abrem para uma perspectiva de ruptura com qualquer tipo de “centrismo”, principalmente o predominantena filosofia acadêmica: o eurocentrismo. Romper com a descentralização não é, vale lembrar, a negação do outro, mas sim um reposicionamento transversal e a possibilidade de retirá-lo do ilusório centro permanente.

Desejamos a todas e todos uma boa leitura!

Antonio Florentino Neto

Eduardo Vichi Antunes

Revista digital: www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/modernoscontemporaneos



This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.